

# CARTA DE JUDAS

## COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

**Werner de Boor**

**Editora Evangélica Esperança**

Copyright © 2008, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança  
Rua Aviador Vicente Wolski, 353  
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br  
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL  
Título do original em alemão  
*Der Briefe des Petrus und der Brief des Judas*  
Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag

### **Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Boor, Werner de

Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas / Fritz Grünzweig, Uwe Holmer, Werner de Boor / tradução Werner Fuchs. -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2008.

Título original: *Der Briefe des Jakobus, Die Briefe des Petrus und der Brief des Judas, die Briefe des Johannes.*

ISBN 978-85-7839-004-4 (brochura)

ISBN 978-85-7839-005-1 (capa dura)

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Bíblia. N.T. Judas - Comentários 3. Bíblia. N.T. Pedro - Comentários 4. Bíblia. N.T. Tiago - Comentários I. Holmer, Uwe. II. Boor, Werner de.

III. Título.

08-05057 CDD-225.7

### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Novo Testamento : Comentários 225.7

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

## *Sumário*

## ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Introdução à segunda carta de Pedro e à carta de Judas

I – A questão da autenticidade

II – Época de redação, destinatários, motivo da carta, tradição eclesiástica

III – A carta de Judas

IV – Indicações bibliográficas

Saudação Introdutória – Jd 1s

Motivo e objetivo da carta – Jd 3s

Três exemplos de juízo no AT – Jd 5-7

A caracterização dos sedutores – Jd 8-16

Conselho e instrução para a igreja – Jd 17-23

Doxologia final – Jd 24s

### ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

#### Com referência ao texto bíblico:

O texto de Judas está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

#### Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

#### Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

**TM** O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

*Códice do Cairo* (C) 895 Moisés ben Asher

*Códice da sinagoga de Aleppo* depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

*Códice de São Petersburgo* 1008 Moisés ben Asher

*Códice nº 3 de Erfurt* século XI Ben Naftali

*Códice de Reuchlin* 1105 Ben Naftali

**Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

**Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

- Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.
- Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
  - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
  - Copta séculos III-IV
  - Etíope século IV

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

### I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

### II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

### III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ	Bíblia de Jerusalém (1987)
BV	Bíblia Viva (1981)

- NVI Nova Versão Internacional (1994)  
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)  
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)  
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

#### **IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia**

##### *ANTIGO TESTAMENTO*

- Gn Gênesis  
Êx Êxodo  
Lv Levítico  
Nm Números  
Dt Deuteronômio  
Js Josué  
Jz Juízes  
Rt Rute  
1Sm 1Samuel  
2Sm 2Samuel  
1Rs 1Reis  
2Rs 2Reis  
1Cr 1Crônicas  
2Cr 2Crônicas  
Ed Esdras  
Ne Neemias  
Et Ester  
Jó Jó  
Sl Salmos  
Pv Provérbios  
Ec Eclesiastes  
Ct Cântico dos Cânticos  
Is Isaías  
Jr Jeremias  
Lm Lamentações de Jeremias  
Ez Ezequiel  
Dn Daniel  
Os Oséias  
Jl Joel  
Am Amós  
Ob Obadias  
Jn Jonas  
Mq Miquéias  
Na Naum  
Hc Habacuque  
Sf Sofonias  
Ag Ageu  
Zc Zacarias  
Ml Malaquias

##### *NOVO TESTAMENTO*

- Mt Mateus  
Mc Marcos  
Lc Lucas  
Jo João  
At Atos  
Rm Romanos  
1Co 1Coríntios

2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

### OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

## INTRODUÇÃO À SEGUNDA CARTA DE PEDRO E À CARTA DE JUDAS

### I – A QUESTÃO DA AUTENTICIDADE

1) Será mesmo que a carta, que nos propomos a ler em conjunto, representa – como diz o título do presente volume – um escrito do discípulo e apóstolo Pedro? Atualmente isso é contestado pela maioria dos teólogos. As razões disso podem ser melhor expostas por alguém como o Dr. A. Schlatter, de cuja submissão crente à Bíblia ninguém pode duvidar. Ele não questiona a “autenticidade” da carta por prazer em “criticar a Bíblia”. Com liberdade e franqueza ele expõe aos “leitores da Bíblia”, para os quais interpreta todos os escritos do NT em suas *Erläuterungen zum NT* (Elucidações do NT), logo nos dois versículos iniciais de 2Pe, o seguinte: “Pela maneira como essa carta repete a epístola de Judas, e pela diferença na linguagem que a separa da primeira carta de Pedro, resulta nitidamente que aqui não é Pedro quem fala pessoalmente à igreja, mas outro cristão. Ele escreveu para dizer aos cristãos em que consiste o verdadeiro cristianismo, e escolheu essa forma para sua exortação porque não se trata de sua própria opinião e intenção pessoal, mas daquilo que os apóstolos legaram à igreja e que torna sólida sua participação na graça de Deus, e correto seu serviço a Deus. Não precisamos admitir a suposição de que, procedendo assim, o autor tivesse uma má consciência e pretendesse incorrer em uma fraude qualquer. Escolheu essa forma para falar aos cristãos porque se empenha com sinceridade e convicção para que a igreja não se desvie da trajetória que os apóstolos lhe indicaram, mas para que preserve o que deles recebeu. Por isso também não escreveu no topo da carta o nome de outro apóstolo, mas o de Pedro, porque Jesus fez de Pedro o primeiro de seus mensageiros e porque a igreja surgiu a partir do

testemunho dele. Por isso ela permanecerá no caminho de Jesus, tal como lhe foi mostrado desde o começo, se não perder o que Pedro lhe anunciou.”

O que nos cabe dizer diante disso?

2) A *diferença na linguagem e no estilo* entre as duas epístolas de Pedro chamará atenção de todo leitor atento. Será possível que a mesma pessoa escreva de maneiras tão diversas? Pois bem, para nós é, em qualquer ponto, sempre arriscado dizer que isso ou aquilo não “pode” ser. Alguém como o apóstolo Paulo é capaz de falar de muitas maneiras distintas, como em sua carta aos Romanos e em 2Co! A razão simples para isso reside na diversidade das pessoas a que o apóstolo se dirigia com as cartas, e na considerável diferença dos temas de que era preciso tratar. No entanto, não seria esse também o caso das duas cartas de Pedro? Uma carta de consolo e encorajamento a cristãos perseguidos é algo muito diferente da áspera e irritada defesa contra perigosos falsificadores e sedutores que, não sem êxito, se introduziram em igrejas. Ademais, cumpre recordar mais uma vez que Pedro escreve a primeira carta expressamente “por meio de Silvano, o fiel irmão”. Esse destaque explícito da “fidelidade” de Silvano me parece ser um claro indício de que Silvano não foi mero “escrevente que ouviu um ditado”, mas que, após dialogar com Pedro e de acordo com as instruções do apóstolo, tinha certa liberdade estilística para confeccionar a carta. No presente caso a carta seria de certo modo muito antes um escrito do próprio apóstolo, uma vez que em seu final falta qualquer referência a um “autor”. A aspereza e dureza na condenação e rejeição dos hereges seriam condizentes com o pescador singelo, com o homem do povo, que Jesus escolheu e convocou de acordo com a orientação do Pai.

3) Nesse caso também seria menos marcante a forte semelhança de vários trechos em 2Pe e da carta de Judas. Homens como Pedro e Judas estão muito próximos no que tange à origem e ao contexto humano. Considerando que o teólogo crítico da Bíblia é freqüentemente bastante ousado ao levantar hipóteses e construções, nós talvez também possamos sê-lo aqui. Não seria possível que Pedro e Judas falassem com preocupação comum sobre a invasão de falsos mestres em igrejas apostólicas, afinando sua avaliação conjunta e combinando uma ajuda epistolar para a igreja? Agora ressoam nas duas cartas muitos pontos que marcaram seus diálogos.

A exegese detalhada das duas cartas evidenciará que não se pode afirmar que uma carta foi “copiada” da outra. As passagens e frases “semelhantes” das duas cartas também apresentam diferenças tão características que um escrito independente com base em diálogos conjuntos de fato ofereceria a melhor explicação para esse quadro. Então a objeção de que alguém como o apóstolo Pedro não poderia ter se baseado na carta de uma pessoa menos significativa perderá sua força.

4) Mas, então, será que a pergunta a respeito da “*autenticidade*”, ou seja, da autoria importa tanto assim? Vimos que Schlatter comenta 2Pe, a qual não considera autêntica, com a mesma seriedade e a mesma dedicação e atenção com que teria analisado uma carta “autêntica” de Pedro. Será que não importa simplesmente o conteúdo do escrito em si?

Entretanto, como fica a questão da *delimitação* do NT? A igreja antiga – ainda que depois de um tempo de indecisão – acolheu a carta no cânon do NT porque a considerou uma carta do apóstolo Pedro. Esse fato não é alterado em nada pela observação, sem dúvida correta, de que na Antigüidade a redação de escritos sob o nome de uma pessoa famosa pode ser observada em vários casos como forma admitida de literatura. De maneira alguma isso era entendido como “desonesto” ou até mesmo como “fraude”. Apesar disso ninguém pode duvidar de que seguramente não teríamos 2Pe em nosso NT se a igreja antiga tivesse reconhecido em seu autor um cristão de época posterior, que apenas falava às congregações em nome do apóstolo Pedro. Afinal, há uma considerável diferença entre alguém escrever sob o codinome de um “homem famoso” ou então desempenhar, até mesmo em toda a vida pessoal, a função de um apóstolo determinante. Apesar de um entendimento diverso na Antigüidade, as igrejas certamente consideravam isso uma usurpação inadmissível. Também o apóstolo Paulo dá máxima importância ao fato de que somente cartas realmente originárias dele mesmo tenham prevalência nas igrejas (2Ts 2.2).

5) Entretanto, não podemos deixar de indagar se o Espírito Santo, o Espírito da verdade, teria concedido sua orientação e sua autoridade a uma pessoa que falava às igrejas expressamente como “Pedro”, sem contudo de fato ser Pedro? Por mais honesta que tivesse sido a intenção desse homem, buscando preservar as igrejas na doutrina de Pedro através dessa carta, seu procedimento sempre carecerá de uma retidão última e de “límpida transparência”, que o apóstolo Paulo valorizava de forma tão determinada. O Espírito Santo não diz “sim” a algo assim.

Nesse caso, porém, a pergunta a respeito do autor desta carta é muito importante. No cristianismo primitivo existiram muitas obras boas e instrutivas, redigidas com a iluminação do Espírito Santo, mas isso não as qualificou para serem acolhidas na Bíblia. No presente capítulo, leremos 2Pe como uma carta do próprio apóstolo, sabendo que, com isso, estamos em sintonia com a igreja primitiva.

## **II – ÉPOCA DE REDAÇÃO, DESTINATÁRIOS, MOTIVO DA CARTA, TRADIÇÃO ECLESIASTICA**

### *1) A época da redação*

Somos informados pela própria carta sobre a época da redação de 2Pe, a saber, que ela foi escrita no melhor tempo de vida do apóstolo, antes de sofrer o martírio na perseguição dos cristãos pelo imperador Nero.

## 2) Os destinatários

Os destinatários são caracterizados apenas pelo estado de sua fé, não segundo o local de moradia. Obviamente também são destinatários da primeira carta. Mas igualmente 1Pe tem a forma de uma carta circular, que provavelmente também chegou a outras igrejas que não faziam parte das regiões da Ásia Menor. É a esse círculo mais amplo de igrejas que os apóstolos se dirigem em 2Pe.

## 3) O motivo

O motivo que levou tanto Pedro como Judas a escrever é evidenciado com muita clareza nas próprias cartas. Houve uma investida sobre as congregações por parte de hereges e sedutores, que conquistavam cada vez mais influência sobre a igreja. Estaremos corretos ao incluir essas novas pessoas no grande movimento do “gnosticismo”, que naquela época se alastrava como forte enxurrada, e por isso incontrolável, por todas as regiões, tentando penetrar consistentemente nas religiões e nos sistemas de pensamento. Existia o “gnosticismo” gentílico no judaísmo e havia, como vemos nestas duas cartas, fortes investidas “gnósticas” no sentido de apoderar-se também do jovem cristianismo. Não sabemos muito sobre o “gnosticismo”. As pessoas que haviam penetrado nas igrejas sem dúvida desejavam ser “cristãs”, do contrário nem teriam conseguido exercer influência. Sim, pretendiam trazer um cristianismo superior, mais livre. Isso já ficara patente em Corinto (1Co 5.6).

Na presente Introdução não tentaremos oferecer uma visão geral do “gnosticismo”. O *Theologisches Begriffslexikon* descreve o gnosticismo dessa forma:

“Gnosticismo (do grego *gnōsis* = conhecimento) é uma designação genérica para movimentos religiosos que fazem a redenção e libertação do ser humano depender do conhecimento sobre natureza, origem e destino do mundo, da vida humana e das esferas divinas. Por gnosticismo e gnose em sentido estrito entende-se uma linha no judaísmo, helenismo e cristianismo do séc. I a.C. até o séc. IV d.C. (auge no séc. II d.C.), que tentava chegar a um conhecimento de Deus e cujo alvo era a divinização das pessoas espirituais (pneumáticas) pela contemplação da divindade e, com freqüência, pela unificação com ela pelo êxtase.

Fazem parte do sistema doutrinário gnóstico o dualismo teológico entre criação e redenção, teorias emanatistas sobre o fluir do divino sobre o mundo, conceitos de redenção que asseveram a libertação do cristão da matéria, e o retorno à pátria divina de origem, bem como a doutrina sobre a eficácia física dos sacramentos como *pharmaka athanasias*, remédios que conduzem à imortalidade. No gnosticismo cristão a fé é dissociada de sua contextualização histórica, nega-se a encarnação real de Cristo (docetismo) e restringe-se a obediência de fé. Os adeptos desse movimento são chamados de gnósticos, e os conceitos correlatos são adjetivados como gnósticos” (op. cit., p. XVIII).

Quem desejar obter mais informações encontrará material suficiente em qualquer compêndio de História Eclesiástica e também na coletânea de J. Leipoldt/W. Grundmann, *Umwelt des Urchristentums*” (vol. I, 2ª ed., Berlim 1967, especialmente p. 371-415). No comentário assinalaremos os respectivos pontos, que pareciam tão perigosos aos apóstolos e aos quais combatiam com muita dureza e determinação. Essa situação também permite compreender a veemência de seu linguajar nas cartas.

## 4) A tradição eclesiástica

A presente carta disseminou-se aos poucos na igreja, até ser reconhecida como escrito do apóstolo Pedro e acolhida no cânon. Orígenes (185-254) atesta-a, Jerônimo (340-420) considera-a autêntica, e ela pertence ao cânon desde a 39ª carta pascal de Atanásio no ano de 367 d.C.

## III – A CARTA DE JUDAS

1) O *autor* se apresenta como “Judas, um escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago” (v. 1). Com isso aponta indubitavelmente para Tiago, irmão do Senhor. Ele próprio, portanto, também é um dos irmãos de sangue de Jesus, citados em Mc 6.3. Sobre sua vida não há maiores informações. Provavelmente ele também não fazia parte do grupo de seguidores quando Jesus era vivo.

2) A *época de redação* da carta pode ser situada no último terço do séc. I. Do conteúdo da carta depreende-se que Judas escreveu em uma época em que o “gnosticismo” estava invadindo a igreja, que ainda não a detectava nem expelia como uma heresia comumente reconhecida.

3) Nada sabemos sobre o *lugar da redação*.

4) A *autenticidade da carta* foi várias vezes questionada. Para isso recorre-se sobretudo aos v. 17s, dos quais se depreende que os apóstolos já anunciavam tempos em que surgiriam zombadores. Também Judas fazia parte desses apóstolos. O autor estaria se ocultando por trás desse “Judas”, a fim de para combater, recorrendo a tradições apostólicas, os hereges gnósticos e sua influência.

Essa concepção, no entanto, não passa de mera suposição, incapaz de ser realmente compromissiva (a esse respeito, cf. o comentário aos v. 17s).

5) A tradição da primeira igreja (Tertuliano, cânon Muratori) já conhece a carta e em momento algum questiona a autoria de Judas.

#### IV – INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Schlatter, A. Die Briefe des Petrus, Judas, Jakobus, der Brief an die Hebräer, *Erläuterungen zum NT*, vol. 9.

Hauck, F. Die Kirchenbriefe, *NTD*, vol. 10.

Schelkle, K. H. “Die Petrusbriefe, der Judasbrief”, Benno-Verlag Leipzig e Herder-Verlag Freiburg.

# COMENTÁRIO

## SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA – JD 1s

**1 – Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo:**

**2 – a misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados!**

- 1 Também a presente pequena carta observa a forma epistolar antiga. Por isso cita-se primeiro o nome de quem nos fala através da carta. **É Judas, escravo de Jesus Cristo, porém irmão de Tiago.** Por Judas ser um nome muito freqüente entre o povo judeu, o autor imediatamente se apresenta de maneira mais específica. Faz isso de forma peculiar. Inicialmente acrescenta uma “definição de cargo”, que obviamente soa muito estranha para nós: **Judas, escravo de Jesus Cristo.** Os leitores da carta percebiam essa expressão de forma muito mais objetiva que nós. Havia escravos em grande número, e estavam também entre os membros da igreja. Um “escravo” é um ser humano cujo corpo e vida, com todas as forças e capacidades produtivas, pertencem a outra pessoa, a seu senhor. Judas diz isso à igreja repleto de alegria, assim como também Paulo se define como “escravo de Jesus Cristo” (Fp 1.1) em sua carta mais cordial e alegre. Judas pertence a ele, o “Senhor” que o “adquiriu”, arrancando-o assim do “âmbito de poder das trevas” (Cl 1.13), do “poder de Satanás” (At 26.18), do “príncipe deste mundo”, pagando por isso com seu sangue e sua vida. Judas pertence a Jesus Cristo por gratidão e amor. Em consonância com passagens do AT, esse nome era assumido por pessoas que de modo singular se encontram no “serviço” de seu Senhor, muito embora todos que de fato seguiram ao chamado de Jesus não pertençam mais a si mesmos, porém, comprados por alto preço, têm o privilégio de enaltecer a Deus com o corpo e a vida (1Co 6.19s). Judas não é um “apóstolo”. Mas os leitores de sua epístola tampouco devem considerá-lo um homem qualquer do cristianismo, que expressa sua opinião pessoal por meio desse escrito. Ele escreve em supremo serviço e suprema incumbência.

No entanto, visa sublinhar ainda mais a relevância de sua palavra e tornar-se particularmente conhecido dos destinatários de sua carta, de modo que acrescenta, com um “porém” enfático: **porém irmão de Tiago.** Esse nome possui boa fama em todo o primeiro cristianismo, até mesmo nas igrejas de cunho cristão gentio. No relato sobre o concílio dos apóstolos Paulo o cita em primeiro lugar, antes de Pedro e João (Gl 2.9). O nome também ocorre em At 21.18ss como personagem decisiva: era irmão de sangue de Jesus, o qual depois da ressurreição lhe concedeu um encontro pessoal, conduzindo assim à fé o homem que antes era descrente. Quem escreve como **irmão de Tiago** pode estar seguro da atenção dos leitores.



Tiago e Judas são irmãos do próprio Jesus! Contudo ambos conscientemente evitam apontar para esse fato em suas cartas. No passado realmente eram “irmãos” de sangue de Jesus, que não criam nele, mas o corrigiam de forma mais ou menos “fraterna” (Jo 7.3-5). Agora, porém, crêem em Jesus, e precisamente assim Jesus se torna para eles o *kyrios*, o Senhor diante do qual já não podem aparecer como “irmãos”, mas unicamente como “escravos”. Assim, de sua parte, rejeitam qualquer ligação terrena e por parentesco, externada pelo próprio Jesus com toda a aspereza (Jo 2.4; Mt 12.46-50). Como todas as demais pessoas, são “a partir de baixo” e, conseqüentemente, totalmente separados daquele que é “a partir de cima”. Aqui cessa qualquer “parentesco”.

À nomeação do remetente segue-se a indicação dos destinatários da carta. Sem qualquer referência ao local de residência, são descritos somente segundo sua natureza interior. Por essa razão não podemos saber com certeza para onde Judas enviou a carta. Resulta do conteúdo apenas que foi dirigida a uma igreja (ou igrejas), porque “ceias de amor” só acontecem em “igrejas”. Independentemente de onde essas igrejas se localizavam, devem ter sido igrejas nas quais o nome Tiago tinha uma forte aceitação, ou seja, devem ter tido uma conexão especial com a primeira igreja em Jerusalém. É verdade que também uma pessoa como Paulo conhecia e reconhecia a fama de Tiago, contudo é difícil que Judas tenha se dirigido a uma igreja “paulina” destacando, ao fazê-lo, seu relacionamento com Tiago. Ao ler a carta de Judas devemos situar os destinatários entre igrejas cristãs judeus do Oriente.

No conteúdo, porém, não é preciso dar um passo muito grande. Judas não considera uma “igreja de Jesus” de forma diferente de Paulo. Sua caracterização é “teocêntrica”, centralizada em Deus. O que se destaca na igreja não são suas qualidades ou realizações. Ela é o que é pelo agir de Deus. É unicamente sobre isso que se fixa o olhar. Seus membros são **chamados**. Entraram na congregação do Messias não por “obras” e “méritos”, mas pelo “chamado” de Deus, que implicava, com certeza na mesma intensidade para Judas e para Paulo, a “eleição” e o “ordenamento” de Deus (Rm 8.30). Da mesma forma como Paulo escreve (1Ts 1.4), também para Judas essa eleição e vocação divinas se originam do amor de Deus: esses **chamados** são **amados em Deus Pai**. Também aqui o Espírito de Deus é eficaz até nas formulações específicas. Os membros da igreja não são apenas amados “por” Deus. Poderia haver a conotação, na conexão com sua realidade de chamados, de que o amor de Deus somente existiria no começo da existência cristã. Não, são constante e continuamente amados **em Deus**. Como isso é consolador para igrejas que passam por grandes aflições e tribulações!

Ao mesmo tempo podem ter a certeza de que em todas as dificuldades serão **preservados para Jesus Cristo**. Quem de nós chegaria ao grande alvo se a fidelidade e paciência “preservadora” de Deus não segurasse nossa vida com mão firme? Neste aspecto, porém, é importante captar integralmente o teor da palavra. Não se trata somente da nossa preservação em si e de que “cheguemos ao alvo” pessoalmente. Somos preservados “**para Jesus Cristo**”! Portanto, também nessa preservação consoladora e pessoal podemos nos esquecer de nós mesmos e nos liberar de todo egoísmo devoto. Também nisso Jesus Cristo é o centro. Deus nos preserva para que a reivindicação dele sobre nós atinja o objetivo e o salário de seu árduo trabalho em nós não se perca. É evidente que isso constitui simultaneamente proveito para nós mesmos, porque nossa vida consiste em estar à disposição de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo a afirmação “preservados para Jesus Cristo” tem foco “escatológico”. No dia do retorno de Jesus deveremos estar preservados para ele. Assim, início e fim da carta se sobrepõem. O v. 24 tornará a apontar expressamente de forma escatológica para o “ser preservados de qualquer tropeço” e, conseqüentemente, para o derradeiro grande alvo de Deus.

- 2 Na seqüência, segundo um belo costume da época, o remetente se une aos destinatários da carta através do anúncio da bênção: **Misericórdia vos seja dada, e paz e amor em rica medida**. Para um homem como Judas isso era mais do que um “desejo piedoso”. De acordo com a Bíblia, abençoar na realidade acontece na certeza de que Deus concede aquilo que é prometido a pessoas que elevam os olhos para ele em oração. Aqui a dádiva da bênção não é descrita mediante duas, mas três palavras, sendo que a **misericórdia** consta enfaticamente no início. Ela é a dedicação fundamental de Deus a nós, não apenas uma simpatia da parte dele mas intenção redentora de Deus que se tornou ação, realmente histórica, na morte sacrificial de Jesus por nós. A palavra **paz** recuperou para nós cristãos atuais algo de seu conteúdo original e abrangente desde que recomeçamos a nos saudar com o termo hebraico *shalom* como voto de bênção. Experimentamos assim que a rigor não é possível “traduzir” palavras. Para nós “paz”, devido a uma longa história, é facilmente mera paz sentimental do coração. *Shalom* tem um sentido muito mais palpável e real. Diante da menção do **amor** poderíamos indagar

se a intenção é destacar o amor de Deus por nós ou se a referência é a nosso amor ao Senhor e entre nós. No modo de pensar do NT os dois estão estreitamente ligados. Amor sempre é indivisível! Amor a Deus não é real sem amor ao irmão; este, porém, nem mesmo é possível sem o amor a Deus. Cf. 1Jo 4.7,11.

O voto de bênção em si já revela que não temos os grandes bens, citados por ele, simplesmente como “propriedade”. Boa parte do cristianismo fenece porque ignora isso. É verdade, tudo é nosso, nós somos pessoas ricas. Contudo somente somos ricos enquanto isso nos for concedido renovadamente. O “ter” genuíno não nos permite satisfazer-nos conosco mesmos, mas nos leva a um crescimento vivo, no qual desejamos possuir, e também receber, em medida muito mais abundante, aquilo que fundamentalmente já foi propiciado. De qualquer maneira, não há como duvidar da disposição de Deus em nos presentear **em rica medida**. Em consonância, também Paulo associou o alegre e grato reconhecimento daquilo que a igreja já possui com a insistente solicitação de “se tornar ainda mais completo” (1Ts 4.10) e “sempre progredir” (1Co 14.12). Esses são também os desejos de Judas para a igreja à qual escreve, e assim foi previsto para ela pelo Senhor.

### MOTIVO E OBJETIVO DA CARTA – JD 3S

- 3 – Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.**
- 4 – Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o único Soberano e nosso Senhor, Jesus Cristo. (ou: nosso único Soberano e Senhor Jesus).**

- 3 Judas declara imediatamente aos destinatários da carta por que, afinal, lhes escreve, com que seriedade o faz e qual é o objetivo do escrito: **Amados, enquanto dedico todo o empenho em vos escrever a respeito de nossa salvação comum, obtive a necessidade de vos escrever**. Na interpelação **amados** comprova-se o que acabamos de afirmar acerca do caráter “indivisível” do amor. São amados primeiramente porque Deus os incluiu em seu amor (v. 1). Mas por isso vale para eles também o que Paulo disse aos tessalonicenses em 1Ts 2.8: “tornaram-se amados” também para os mensageiros. Podem ter certeza de que Judas lhes escreve com sincero amor, não obstante toda a gravidade de suas palavras.

No entanto, esse amor não é a única razão pela qual Judas escreve a carta. Ele não escreve por critério pessoal ou por qualquer disposição de humor. Sua carta tem uma fundamentação muito mais séria: **obtive a necessidade de** (literalmente, vi-me forçado a) **vos escrever**. Essa palavra **necessidade** também consta em 1Co 9.16 com vistas a todo trabalho de proclamação do apóstolo Paulo: uma necessidade interior pesa sobre ele; por isso precisa evangelizar. Situação análoga é a de Judas: ele precisa escrever a carta. Esse “precisa” pesa, no Antigo e Novo Testamentos, sobre todos os homens e mulheres com quem nos deparamos no serviço de Deus. Pesa com gravidade máxima também sobre Jesus, e não significa refutação, mas exatamente confirmação e consumação de sua verdadeira filiação divina.

Judas *precisa* escrever. Como, então, deve ser entendida a declaração anterior? Será que, com “um vivo desejo”, pretendia de fato escrever à igreja algo bem diferente, uma carta doutrinária, um tratado sobre **nossa salvação comum**? Será que foi interrompido nisso porque foi impulsionado por uma necessidade totalmente diferente? Ou será que **a salvação comum** se refere ao conteúdo da presente carta, com a carta apenas passando a ter outro objetivo em vista de uma **necessidade** recebida? A forma lingüística da frase não nos permite chegar a uma conclusão. Judas pode fundamentar a aplicação de **todo o empenho** no escrito justamente pelo fato de que se tornou cada vez mais nítida para ele a necessidade que o impelia a escrever. Afinal, cumpre considerar que na primeira parte da frase consta *poiúmenos* e não *poiesámenos* = ou seja: “enquanto dedico”, e não “dedicava”, todo o empenho.

Trata-se de nossa **salvação comum**. A **salvação** = a redenção é o mais importante que pode existir para nós. Está em jogo nosso futuro eterno. Enfaticamente é dito: a **nossa** salvação conjunta. Logo não se trata do interesse particular de um indivíduo ou da doutrina peculiar de um grupo ou

tendência. A salvação, a redenção dos humanos diz respeito igualmente a todos. Nisso Judas está completamente de acordo com todos os apóstolos, assim como com a própria igreja. Essa concordância constitui o fundamento para a boa compreensão entre o autor da carta e os destinatários.

Essa salvação, porém, está ameaçada, não por algo de fora, mas algo de dentro da própria igreja. Por essa razão a igreja precisa ser convocada, “exortada”, acordada e fortalecida para a luta. Esse é o alvo da carta: **para vos exortar a lutar pela fé, que foi entregue aos santos de uma vez por todas**. Não é pela salvação em si que a igreja tem de lutar. A salvação foi conquistada pelo Filho de Deus quando, ao morrer, fez soar seu grito de vitória “Está consumado”. Contudo, trata-se da mensagem da salvação e de sua vigência, **da fé que foi entregue aos santos**. Nessa formulação evidentemente foi fortemente destacado o aspecto objetivo da fé. Somente o conteúdo da fé em si é que pode ser **entregue**. Fundamentalmente, agarrar esse conteúdo, apropriar-se dele e vivenciar a fé têm de acontecer dia a dia na vida de cada cristão e na vida cristã. Contudo, isso pressupõe a existência do conteúdo e fundamento da fé. Por isso justifica-se plenamente a valorização do conteúdo da fé e sua preservação e comunicação fiel e correta. Na presente passagem constitui um sinal de que a carta precisa ser datada historicamente em um período tardio, situando-se em uma época de “estruturação eclesiástica” e “tradicionalismo”. Também Paulo chegou a falar “da fé” como um dado consolidado que “veio” na hora preestabelecida por Deus (Gl 3.23; Rm 3.21). E também ele conhecia a “tradição” límpida do conteúdo da fé, na qual não há nada para pôr nem tirar (1Co 11.23; 15.1-4). Por quem “a fé” nesse sentido é “entregue aos santos”? Inicialmente pelos apóstolos. Em última análise, porém, é – cf. 1Co 11.23 – o próprio Deus que nos prepara e concede o fundamento e conteúdo da fé. Como outrora na história de Israel, Deus agiu agora de forma definitiva no envio messiânico de seu Filho. Com validade **de uma vez por todas**, aconteceu o que ele consumou na cruz para nós, como a carta aos Hebreus salienta repetidamente. Portanto **a fé foi entregue aos santos de uma vez por todas** como testemunho dos grandes feitos de Deus.

Obviamente essa fé objetiva precisa ser aceita subjetivamente e preservada. Somente assim obteremos a redenção e nos tornamos “santos” que pertencem a Deus e atingem a salvação. Esse “segurar firme a fé” passa a ser, em determinadas situações, uma luta. Porque, segundo a experiência, essa “fé” frequentemente é posta de lado no âmbito da igreja, e até mesmo negada e rejeitada. Por essa razão também encontramos em Paulo as grandes “epístolas polêmicas”, sobretudo a carta aos Gálatas e a segunda aos Coríntios. Em meio à carta da alegria, a carta aos Filipenses, conclama-se em Fp 3.17-19 com grande seriedade para a luta. Um apelo desses, portanto, também se tornou necessário nas igrejas às quais Judas se dirige.

- 4 **Porque se infiltraram algumas pessoas que há muito foram de antemão anotadas para esta sentença: ímpios que pervertem a graça de nosso Deus em devassidão e renegam o único Soberano e nosso Senhor** (ou: nosso exclusivo Soberano e Senhor) **Jesus Cristo**. Como Judas está próximo de autores como Paulo e João! Exatamente como esses apóstolos, Judas não cita nomes de adversários. Ele usa apenas o termo indefinido, mas muito característico *tines* = “alguns” ou “certas pessoas” (Lutero traduziu para “diversos”), que também está em 1Co 4.18; 15.12; 2Co 10.2; Gl 1.7. Eles **se infiltraram**, como também Paulo afirma acerca de seus oponentes em Gl 2.4. Evidentemente as pessoas que Judas tem em mente não apresentaram suas novas opiniões imediatamente de forma aberta e franca perante a igreja, mas inicialmente se deixaram acolher como irmãos autênticos, para aos poucos granjear influência e fazer propaganda de suas concepções. Talvez venham em parte da própria igreja, e vale para eles o que João viu em 1Jo 2.13 e Paulo referiu em seu discurso aos anciãos de Éfeso em At 20.31. A princípio aquilo de que essas pessoas precisam ser acusadas é expresso em uma frase fundamental, sumária. Uma clara “sentença” sobre eles é certa: são **ímpios**. Quase todos os tradutores explicam o termo como “pessoa sem Deus”, mas isso é questionável. Afinal, de modo algum se trata de negadores de Deus. Estão no seio da congregação cristã e acreditam até mesmo que conduzirão o cristianismo ao auge. Aqui tampouco se trata predominantemente de teorias e idéias, mas de sua vida prática, de sua “devoção”, de sua *pietas*. A acusação contra sua forma de viver é: **pervertem a graça de Deus em devassidão**. Não são “sem Deus”, visto que confirmam a seu modo a mensagem da graça de Deus. Ocorreu, porém, da parte deles uma “perversão” dessa mensagem, algo a que ela, aliás, sempre está sujeita. Paulo formulou essa perversão e distorção interpretativa de forma áspera em Rm 6.1: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” Também os apóstolos da

liberdade em Corinto, com o lema “Todas as coisas me são lícitas” (1Co 6.12), consideravam que a realização plena da vida acontece “somente pela graça”, “somente pela fé”, sem “obras”, justamente no fato de que a vida corporal, em especial na esfera sexual, estava entregue ao inteiro dispor do ser humano. De que importava a sublimes pessoas espirituais o que fazia seu corpo transitório? Que satisfizesse sua pulsão! O mesmo acontece com a devassidão, que se remete à “graça de Deus”, pensando dessa forma dar especial destaque a essa “livre graça”.

Judas constata com flagrante dureza que todas essas idéias representam uma perigosa **perversão da graça de nosso Deus**. Certamente ele é “**nosso Deus**”, o Deus que se volta a nós com toda a sua maravilhosa graça. Mas trata-se do Deus real e vivo, do qual Hb 12.29 afirma expressamente que também “nosso Deus” é um fogo consumidor. Não deixa de ser o Santo, que odeia o pecado, também em sua graça. É por isso que sua “graça” não propicia liberdade para o pecado, mas decididamente liberdade do pecado.

Ela realiza isso ao se vincular a Jesus Cristo, que carregou e expiou nosso pecado, e ao nos remeter, assim, igualmente a ele como nosso “Senhor”. A **graça de nosso Deus** não nos libera para uma liberdade em que não há um senhor e a conseqüente presunção autocrática, mas nos deixa “livres” pela entrega ao senhorio de Jesus Cristo. Por isso aqueles que pervertem a graça de Deus **renegam** simultaneamente **ao único Soberano e nosso Senhor Jesus Cristo**. Não constitui diferença significativa se vemos no “único Soberano” a Deus, o Pai, distinguindo-o de “nosso Senhor Jesus Cristo” ou se sintetizamos os dois títulos, designando a Jesus como “nosso único Soberano e Senhor”. Em 2Pe 2.1 o termo *despotes* é inequivocamente relacionado a Jesus Cristo. É algo que também terá de ser ponderado aqui. A essência é se reconhecemos voluntariamente nossa subordinação a esse “Soberano” e “Senhor” com gratidão ou se a negamos e nos esquivamos dele. Novamente não está tanto em questão uma “negação” intelectual, dogmática, mas muito mais a “negação” do senhorio de Jesus na prática da vida vivenciada.

Quiçá Judas, com essa frase, também aponte de maneira particular para o gnosticismo, ao definir Deus e Jesus Cristo enfaticamente como nosso “único” Soberano. O gnosticismo falava de “emanações” divinas, “eflúvios” ou também entes divinos intermediários entre Deus e o mundo. Isso convinha à religiosidade do mundo helenista, que apregoava, através de múltiplos cultos e santuários, muitos *kyrioi*, muitos “deuses” e “senhores”, deixando-os valer lado a lado. Por isso é possível que também os grupos “modernos” nas igrejas se tenham voltado contra a “estreita e unilateral reivindicação de que Deus é absoluto” da proclamação apostólica, renegando assim o verdadeiro direito de senhorio de Jesus Cristo. Para os novos mestres Jesus Cristo não é realmente o “Senhor” que determina sua vivência, não configura nem preenche sua existência. Neles, em sua palavra, obra e modo de agir não se consegue “ler exclusivamente Jesus e nada mais”.

Como, porém, esses destruidores da igreja **foram há tempo de antemão anotados para essa sentença**? Vários comentaristas que defendem que 2Pe foi escrita antes da carta de Judas opinam que Judas esteja recorrendo a 2Pe 2.1 e considere cumprida agora a profecia ameaçadora dessa passagem. Outros pensam que ele se refere a exemplos típicos do pecado e de sua condenação na história da antiga aliança, como em seguida passará a citar nos v. 5-11. Aqui há muito tempo teria sido anotada de antemão na Bíblia a **sentença** dos atuais falsos mestres. Em função disso seria chamada **essa sentença**. A rigor, porém, Judas não diz que sentença e juízo foram anotados para os hereges, mas, pelo contrário, que os próprios hereges há tempo já estariam “anotados” para a sentença. Tanto no AT como no NT a antevisão divina é ilustrada por meio das anotações em livro. Judas utiliza aqui essa metáfora familiar para fortalecer a igreja na luta contra os hereges. Não se contrapõe sozinha e abandonada a essas pessoas. Deus conhece esse pessoal e já os **anotou** há tempo em seu “livro”, precisamente **para essa sentença**.

### TRÊS EXEMPLOS DE JUÍZO NO AT – JD 5-7

- 5 – **Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram.**
- 6 – **E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia.**

**7 – Como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição.**

**5 Quero, pois, recordar-vos, que sabeis de tudo de uma vez por todas.** Ao pesquisarmos o verbete “recordar”, qualquer concordância nos mostrará a importância que o “lembrar-se” tinha já no AT. A razão disso é a revelação de Deus em feitos históricos. É deles que vive a fé. Por isso ela precisa recordar-se constantemente desses feitos, para tornar a esperar tais realizações segundo as promessas de Deus. Por isso encontramos “recordar” e “lembrar” também no NT. Na instrução apostólica trata-se muitas vezes de uma recordação de coisas há muito aprendidas e sabidas. Tal recordar é importante e necessário, porque coisas conhecidas e familiares facilmente perdem a influência sobre nós e deixam de ter importância em nosso íntimo. Membros da igreja, à qual Judas escreve, **sabem tudo de uma vez por todas**, naturalmente não no sentido de quaisquer tipos de conhecimentos gerais, mas o conhecimento de tudo que é essencial na proclamação veterotestamentária e apostólica. Entretanto, o que está em jogo é que agora apliquem seu conhecimento em uma situação singular, na luta contra tendências e pessoas desencaminhadoras, usando-o como arma. Por essa razão, como consta textualmente, Judas “quer” que “eles se lembrem”, para que tudo o que é sabido volte a influenciar a atualidade.

É do conhecimento bíblico que devem se lembrar. Propõe-lhes três histórias bíblicas, nas quais se torna explícita toda a seriedade de Deus. Trata-se de sua seriedade diante daqueles que haviam sido ricamente presenteados e agraciados por ele, mas que “perverteram” essa graça e por isso se tornaram alvos de juízo. Não ajuda os desencaminhadores que, afinal, também eram “cristãos”, viviam na igreja dos santos e experimentaram a graça de Deus. Pelo contrário, precisamente isso tornou sua responsabilidade muito maior e sua culpa muito mais grave.

O primeiro exemplo disso é nitidamente bíblico e encontra-se em Nm 14. 20-25. Os destinatários da carta “sabem” que o Senhor certamente **resgatou o (seu) povo do Egito**, mas então aniquilou aqueles **que não creram**. Ou seja, mesmo aqueles que experimentaram o ato salvador fundamental de Deus na antiga aliança, a libertação do Egito, ainda podem perecer no juízo, sem chegar à terra prometida. É a esse ponto que chega a seriedade de Deus. A fé está sempre em jogo. A recordação do acontecido naquele tempo devia estimular a igreja a, com empenho máximo, “lutar pela fé” e apegar-se à “fé que lhes foi transmitida” (v. 3).

**6 Segue-se um segundo exemplo: E anjos, que não conservaram sua esfera de domínio, mas abandonaram seu próprio domicílio, ele os mantém guardados com correntes eternas sob trevas para o juízo do grande dia.** Isso tem um fundamento bíblico na breve narrativa de Gn 6.1-4. Obviamente não depreenderíamos sem mais nem menos dessa passagem da Bíblia aquilo que Judas afirma. Judas a entende segundo determinada interpretação, conhecida a partir do chamado “livro de Enoque”. Havia no judaísmo daquela época grande número de escritos edificantes, que se baseavam em personagens ou eventos bíblicos para, a partir deles, desenvolver determinados pensamentos religiosos. Não deve ser nenhuma surpresa que tais escritos fossem lidos com simpatia, sendo acolhidos em todo o modo de pensar do judaísmo. Afinal, nós tampouco lemos somente a Bíblia em si, mas possuímos uma extensa “literatura de edificação”. Em todo caso, naquela época fazia parte da erudição oficial nas Escrituras interpretar significativamente frases e palavras do AT. Passagens obscuras, alusões breves e enigmáticas, prestavam-se particularmente a isso. Foi assim que Judas também enfocou a passagem de Gn 6.1-4 sob a luz da conhecida interpretação do livro de Enoque. Segundo ela, os “filhos de deuses” em Gn 6 são **anjos**. São entes particularmente agraciados que têm **domicílio** no mundo celestial e aos quais é confiada uma **esfera de domínio**. Mas também “anjos” podem cair, por mais alta que tenha sido sua posição diante de Deus. Esses anjos, portanto, **não conservaram sua esfera de domínio e abandonaram seu próprio domicílio**. Por quê? A partir do v. 7 a resposta inevitável é: “Entregaram-se à prostituição” e “correram atrás de carne alheia”. Isso é atestado pela própria Escritura em Gn 6.2. Contudo, enquanto essa passagem bíblica usa apenas alusões genéricas para falar a respeito de um juízo contra as pessoas daqueles dias, Judas menciona algo sobre a gravidade das medidas de Deus contra os anjos culpados, algo que a própria Bíblia não relata. De qualquer modo eles não **conservaram** o que lhes havia sido confiada pela graça de Deus, mas buscaram sua “liberdade”. Agora são **guardados** para isso, a saber, **para o juízo do grande dia**. Sua sorte corresponde à dos cristãos renegados, conforme Hb 10.26s. A sentença final e definitiva

será pronunciada por Deus somente no “grande dia”, mas uma severa punição já teve início. Já agora esses anjos, que habitavam as alturas do diáfano céu, encontram-se em **correntes eternas**, “sob trevas” ou **embaixo nas trevas**. Novamente Judas deseja alertar: tão santo é Deus que nenhuma demonstração de sua graça nos protegerá contra seu juízo quando “pervertermos” essa graça “em devassidão”. A igreja jamais poderá relevar o pecado que ocorre em seu seio alegando graça de Deus.

- 7 O terceiro exemplo, que a igreja evidentemente conhece, mas tem de considerar novamente, é **Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas** (Gn 18.16-19,23). Obviamente a Bíblia não relata uma “clemência” especial para essas cidades por parte de Deus, e por isso tampouco é mencionada aqui. Mas poderíamos encontrá-la em Gn 13.10, assim como no fato de que, afinal, vivia em seu meio um homem que conhecia o Deus vivo. Os pecados de Sodoma tornaram-se proverbiais. Trata-se de uma **prostituição** particularmente terrível: os homens de Sodoma **corriam atrás de carne alheia**, conforme é descrito em Gn 19.5-14 e que ainda hoje é chamada de “sodomia”. Agora **jazem como exemplo**. Todo olhar sobre o estranho Mar Morto fazia lembrar a ruína de Sodoma e Gomorra por meio de fogo e enxofre caídos do céu. A Bíblia na realidade fala somente do fogo histórico de então que destruiu as cidades. Mas “fogo do céu”, fogo de Deus é simultaneamente **fogo eterno, sofrido** por essas cidades **como castigo**. Logo não se trata apenas de uma história sobejamente conhecida de tempos antigos, mas de um exemplo que a igreja de hoje deve ter diante de si ao correr o risco de ser desencaminhada. Na doutrina e prática da nova tendência evidentemente a “liberdade” sexual tinha grande relevância. Na medida em que se tratava de pessoas gregas, era possível que até mesmo o erotismo homossexual, amplamente difundido no helenismo, tenha sido considerado inofensivo e incluído nessa “liberdade”. A igreja, porém, não deve se deixar enganar. Qualquer prostituição, e especialmente **correr atrás de carne alheia** traz inevitavelmente o **castigo do fogo eterno** sobre os culpados.

#### A CARACTERIZAÇÃO DOS SEDUTORES – JD 8-16

- 8 – Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores.
- 9 – Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda (ou: puna)!
- 10 – Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem.
- 11 – Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Corá.
- 12 – Estes homens são como rochas submersas (ou: como máculas), em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas,
- 13 – ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre.
- 14 – Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades,
- 15 – para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as (palavras) insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.
- 16 – Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros.

Após a breve “sentença” sumária sobre as pessoas que ameaçavam a igreja de dentro dela (v. 4), e após a menção da seriedade dos juízos de Deus (v. 5-7), Judas passa a fornecer uma descrição desses desencaminhadores nos v. 8-16. Tudo o que foi dito até aqui vale para eles, porque agem **da mesma maneira**. Neste caso não é feita uma exposição de suas doutrinas e opiniões. Desde a Reforma temos

um interesse unilateral na doutrina, enquanto para Judas e Paulo – e no fundo também para João e Pedro – importa a conduta prática de vida, que obviamente, na maioria das vezes, está estreitamente vinculada a ensinamentos errados. Os versículos sobre os quais nos debruçaremos agora desenvolvem as duas condenações fundamentais do v. 4.

- 8 Da mesma maneira também esses sonhadores conspurcam a carne, porém põem de lado a soberania e blasfemam contra glórias.** A recordação dos juízos de Deus no passado é atual para “certas pessoas” na igreja, chamadas por Judas de **sonhadoras**. A expressão vem de Dt 13.1-6, que caracteriza os falsos profetas que colocam seus próprios “sonhos” no lugar da palavra de Deus. Isso era uma blasfêmia que tinha de ser punida com a morte. É disso que a igreja deve se lembrar quando os hereges em seu meio se apresentam com reivindicação “profética”, colocando as suas visões e “sonhos” acima da proclamação apostólica. Eles sobrepõem seus pensamentos e opiniões gnósticos à realidade, especialmente à seriedade de Deus e de seus juízos. Quem se desvia da sóbria nitidez da mensagem bíblica é sempre também um “sonhador”, por maior que seja sua pose de superioridade.

Essa transgressão contra Deus e sua santa palavra manifesta-se na vida prática. Enquanto, segundo a mensagem apostólica, a “carne” merece a morte (Rm 8.13; Gl 5.24), os inovadores **conspurcam a carne** e consideram isso sua liberdade e superioridade. Contudo, podem fazê-lo unicamente porque **põem de lado a soberania**. A **soberania** (*kyriotes*) no singular deve referir-se ao senhorio do Único que é “o Senhor” (o *kyrios*) para a igreja: Jesus Cristo. Não se importam com ele e suas claras instruções e mandamentos. Ambos os aspectos são correlatos quando recorremos a 1Jo 4.2s para elucidação. Para os gnósticos o “Jesus que veio na carne” era indiferente, e até mesmo motivo de escândalo. Seu “Cristo-Espírito” não tinha nada a ver com a “carne”. Por isso, como “pessoas espirituais” também não era preciso que tivessem cuidados com a “carne”. Ela poderia ser tranquilamente entregue às suas pulsões naturais. De qualquer modo, não haveria o que temer da parte de um Messias que não veio na carne.

Ao mesmo tempo Judas constata: **blasfemam contra glórias**. Não conseguimos identificar o objeto concreto a que Judas se refere. Seja como for, a frase subsequente sobre Miguel, que não se atreveu a pronunciar um juízo insultante contra o diabo, sugere que as *doxai* = “glórias” sejam entendidas como poderes de espíritos transcendentais. Talvez grupos gnósticos – muito ao contrário da sóbria convocação de Paulo em Ef 6.10ss – imaginassem ter como incumbência atacar os maus poderes espirituais com blasfêmias. A frase seguinte de imediato torna essa concepção plausível. Independentemente de como tenha sido: “blasfemar” jamais constitui incumbência de um discípulo de Jesus!

- 9** Judas constata uma perigosa soberba nesse **blasfemar**. Que espíritos arrogantes são esses, que ousam algo a que nem mesmo um dos maiores príncipes de anjos se viu autorizado? **No entanto, Miguel, o arcanjo, quando, contendendo com o diabo, teve uma discussão com ele acerca do corpo de Moisés, não se atreveu a pronunciar um juízo insultante contra ele, mas declarou: “Que o Senhor te repreenda (ou: puna)!”** Miguel tem de travar a luta vitoriosa contra Satanás por incumbência do Senhor (Ap 12.7-9). Por isso é tanto mais significativo que Miguel, na ocasião passada em que disputava o corpo de Moisés, não se dirigiu ao diabo com uma sentença blasfemadora, mas deixou a “repreensão” totalmente por conta do Senhor, que como repreensão divina possui máxima eficácia (Sl 18.15; 104.7; 106.9) e por isso também pode ser traduzido por “punir”. Como, então, seres humanos ousariam **blasfemar glórias**, ainda que sejam caídas e hostis a Deus?

Neste ponto novamente se explicita que Judas convivia com interpretações do AT que nós já não conhecemos, mas que devem ter sido bastante disseminadas e reconhecidas em sua época. A interpretação da igreja antiga aponta aqui para um escrito apócrifo, a *Assumptio Mosis* [Assunção de Moisés]. Dispomos somente de um fragmento dela, no qual, porém, não consta a passagem a que Judas se refere. A narrativa da Bíblia sobre a morte e o sepultamento de Moisés em Dt 34.5s é, em si, simples e sóbria. Contudo, justamente por sua brevidade, podia dar margem a melhores ilustrações.

- 10** Todavia para Judas não está em jogo o evento passado em si. Afinal, é preciso enfrentar os hereges de agora. Seu “blasfemar de glórias” parece revelar um conhecimento preciso do mundo invisível transcendente que supera em muito as parcas alusões da proclamação apostólica. Por isso Judas os acusa: **Esses, porém, blasfemam o que não conhecem**. Paulo adverte a igreja em Colossos: “Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal,” (Cl 2.18). Assim também Judas

imputa aos gnósticos que eles adentram áreas que na verdade nem sequer conhecem. Nas experiências dos hereges, aparentemente de espírito tão elevado, Paulo via a “mentalidade carnal”. Da mesma forma Judas constata a notória contradição. As pessoas contra as quais ele adverte com tanta insistência escalam alturas falsas e concomitantemente vivem uma vida a respeito da qual é preciso constatar: **no que, porém, entendem de maneira natural como viventes irracionais, nisso se corrompem**. Também animais conhecem a vida sexual com seus prazeres. Contudo, quando o ser humano simplesmente se entrega a pulsões a que o animal apenas obedece por força das sólidas ordens naturais, ele se corrompe. A associação da liberação da sensualidade ao esplendor de espiritualidade e religiosidade especialmente elevadas tem um poder terrivelmente sedutor. Aqui “espíritos livres” parecem rebelar-se contra a “estreiteza” e o “atraso” da vida eclesial apostólica. Como é sedutor quando se pode penetrar, por meio de experiências, no mundo dos anjos e ao mesmo tempo, de sã consciência, reivindicar para si o direito à sexualidade desenfreada! Judas somente constata com brevidade e dureza: **nisso se corrompem**.

- 11** No entanto, Judas não se limita a constatar. Acrescenta um lamento que não é menos real do que uma bem-aventurança. **Ai deles! Porque andam pelo caminho de Caim, e, por causa de recompensa, se entregaram cabalmente ao engano de Balaão, e perecem na revolta de Corá!** No texto grego todas essas afirmações estão no aoristo: “andaram... e se precipitaram... e pereceram.” De fato, porém, de forma alguma “pereceram”. Significam um perigo muito premente para a igreja, em cujo seio vivem e exercem grande influência. A igreja precisa ser conclamada a lutar contra eles. Mas Judas está tão convicto de sua causa que ele olha em retrospecto como se o juízo já tivesse sido executado, proferindo a condenação derradeira.

A sentença de fato já foi proferida, a saber, sobre Caim e Balaão e Corá, aos quais os sedutores da igreja se assemelham. **Andam pelo caminho de Caim**. Obviamente não mataram de fato nenhum irmão da igreja, mas se tornam “assassinos” de irmãos em um sentido muito diverso: seduzem para maus caminhos, privando os membros da igreja da vida eterna. Arrastam irmãos e irmãs para longe da verdadeira salvação na cruz de Jesus, confundindo sua fé por meio de discursos inteligentes e superiores. Disputas e cisões na igreja causam tribulação a muitos. Ou Judas podia opinar como o apóstolo João: “Todo aquele que odeia seu irmão é assassino” (1Jo 3.15). Os inovadores podiam expressar livremente seu desprezo e seu ódio contra aqueles que lhes resistiam na igreja.

Também na missiva a Pérgamo (Ap 2.14) “Balaão” é o “*typos*” de um falso profeta cuja sedução é tão perigosa porque a princípio de fato era um homem “a quem foram abertos os olhos” (Nm 24.3). Que gloriosa verdade ele pronunciou sobre Israel! Mas então não deseja perder a **recompensa**, a recompensa tilintante que Balaque lhe oferecera, e por isso “ensinou” Balaque a seduzir os filhos de Israel, de modo que estes comeram carne ofertada a ídolos e “praticaram devassidão” (Ap 2.14). Judas julga que **os hereges se entregaram inteiramente ao engano de Balaão por causa de recompensa**. Porventura “engano” deve ser entendido de forma ativa ou passiva? Será que os desencaminhadores se deixam enganar como Balaão ou agem eles mesmos de forma enganosa e enganadora como ele? Provavelmente esta segunda é a idéia implícita, visto que também Balaão agiu exatamente como enganador ardiloso. Deve-se aceitar que com isso se tornam “enganadores enganados”, mas o fazem por obsessão. Esse é seu aspecto perigoso. O termo grego na realidade diz: eles se “derramaram” para esse engano. Busca expressar a intensidade da entrega de modo tangível. “Nessa atitude vem à luz a mesma coisa que aconteceu com Balaão: uma vontade escravizada que ambiciona a vantagem palpável e que aparentemente emprega forças celestiais para assegurar vantagens para si” (Schlatter).

Todo o falar e agir dessas pessoas era necessariamente ao mesmo tempo revolta contra a igreja e sua direção, por último, porém, contra os apóstolos e a proclamação e ordem de vida apostólicas. Mas uma insurgência assim contra os líderes e sua reivindicação de aceitação já acontecera antes em Israel. Para Judas não é gratuitamente que o texto de Nm 16 conste na Sagrada Escritura. Tampouco esse capítulo é uma mera narrativa interessante de uma época pregressa, mas “típico” e, conseqüentemente, uma palavra ilustradora e julgadora para a atualidade. A igreja, que através dessa **revolta** ficou consternada e insegura, deve ver com clareza: *é a revolta de Corá*, de forma que não precisa ficar perplexa. Ela pode conferir na Escritura para onde leva esse tipo de rebeldia. Quem se insurge com Corá contra a autoridade divina também há de **perecer** com Corá.

- 12** Depois dessa condenação Judas torna a caracterizar as pessoas, contra as quais se posiciona. Não trata de suas doutrinas e opiniões específicas. Talvez recorde a palavra de seu Senhor acerca dos



falsos profetas: “Em seus frutos os reconheceréis” (Mt 7.15s). Afinal, a igreja pode constatar com os próprios olhos: **São eles que em vossas refeições fraternas, como manchas** (ou: como recifes) **com comilanças sem pudor, tão-somente apascentam a si mesmos.**

Nas igrejas a que Judas escreve os “ágapes”, as “refeições fraternas”, que haviam surgido espontaneamente na primeira igreja, ainda eram preservados. Aliás, no passado a refeição conjunta no Oriente era, muito mais do que entre nós, expressão de íntima comunhão. Em razão disso a crítica contra a comunhão de Jesus com os “publicanos e pecadores”, quando afirmava que “ele até mesmo come com eles!” possuía a máxima contundência. Em consonância, a comunhão de mesa com seu Senhor estava totalmente inserida na vida dos discípulos. A renovação dessa comunhão de mesa após a Páscoa constituiu um selo especial da ressurreição de seu Senhor e de seu pleno perdão para eles (Lc 24.30s; Jo 21.3-13; At 10.40s). Também a instituição da ceia do Senhor na realidade aconteceu no contexto de uma refeição. Por isso, para a primeira igreja era um acontecimento muito natural que eles não apenas estivessem diariamente unânimes no templo, mas que também partissem o pão de casa em casa e recebessem o alimento com alegria e simplicidade de coração (At 2.46s). Era comunhão de mesa, refeição fraterna, na qual ao mesmo tempo se celebrava a ceia do Senhor. Esse costume provavelmente foi acolhido pelas igrejas. Os novos mestres e seus seguidores, porém, participavam **sem pudor** nas refeições fraternas. Consideraram-se perfeitamente integrados na igreja, na qual desejam conquistar influência determinante. Contudo, na realidade são **manchas** ou **recifes**. As duas acepções são possíveis para o termo grego que consta aqui. A comunhão íntima ao comerem e beberem em conjunto tornava imprescindível uma conduta disciplinada em relação aos outros. A “liberdade”, conforme passou a ser propagada agora a partir das novas concepções, levava à libertinagem. O singelo comer torna-se “comilança”, e usufruir ganha tanto destaque que também Paulo se vê forçado a alertar contra isso com expressões duras (Rm 13.13; 14.17; Gl 5.21). Nessa liberdade transpõem-se limites necessários ao convívio. Entra “sujeira” onde deveria prevalecer um clima límpido e santificado. Assim esses participantes dos ágapes se tornam recifes, nos quais os membros da igreja podem soçobrar, uma vez que com isso os gnósticos obtinham uma oportunidade especial para proferir heresias. Também aqui podemos perceber a característica básica que Paulo combate com igual seriedade nos apóstolos da liberdade em Corinto: pensam somente em si mesmos e não se importam com o irmão (cf. 1Co 8.9-11; Rm 15.1s; 1Co 11.21s). Judas declara isso em adesão à palavra de juízo de Deus em Ez 34.2,8,10: estão “**apenas apascentado a si mesmos**”.

Conseqüentemente, **são nuvens sem água, impelidas por ventos**. Os orientais ansiavam muito pela água! Pois eis que surgem nuvens; será que trarão a almejada chuva? Não, o vento as tange ao largo, não refrigeram os campos sedentos. É assim que os novos homens se projetam grandiosamente como líderes para novas alturas, mas na verdade não têm nada para realmente presentear à igreja e refrescar corações sedentos. Uma segunda ilustração descreve a mesma situação: são **árvores do final do outono sem fruto, duplamente mortas, desenraizadas**. No outono esperamos que a árvore apresente frutos nutritivos. Já é outono tardio, mas eis que aí estão **árvores sem fruto**. Novamente Judas recorda palavras de seu Senhor em Mt 7.9,19; 21.18s; Lc 13.6-8. Verdadeiros cristãos estão na igreja como árvores frutíferas, ainda mais quando se destacam com ensino e liderança. Aquelas pessoas, porém, certamente tinham a aparência de **árvores**, sim, no passado de fato devem ter sido árvores, mas agora se procura nelas em vão por **frutos**. Estão **duplamente mortas**. Havia sido resgatadas da “morte” da existência natural para a vida; mas agora **morreram** pela segunda vez, precisamente pelo fato de que estão **desenraizadas**. Já não estão, como Paulo declara aos colossenses, “enraizadas no Senhor Jesus Cristo” (Cl 2.7; também Ef 3.17). Agora conseguem produzir tão poucos frutos quanto ramos separados da videira.

- 13 É verdade, têm uma aparência singularmente “viva”. Afinal, são muito ativos e querem movimentar muitas coisas, mas nisso não passam de **ondas bravias do mar que espumam suas próprias ignomínias**. A maré pode parecer muito vigorosa e eficaz, mas o que ela produz não passa de “espuma” sem qualquer proveito, e ainda mais espuma que traz lixo para a praia. Um exemplo palpável é aquele homem em Corinto que se casou com a esposa de seu pai, para demonstrar sua liberdade, e do qual provavelmente uma parcela da igreja parece ter-se orgulhado (1Co 5.1s). Manifestações semelhantes da nova “liberdade” talvez também tenham se tornado conhecidas para Judas nas igrejas a que dirige sua séria exortação. Sob grande agitação somente virá à luz o que é infame para o olhar puro.

Judas acrescenta mais uma ilustração: os sedutores são **estrelas errantes, para os quais a escuridão das trevas está preservada eternamente**. Também nós conhecemos a designação “estrela” (“astro”) para caracterizar desempenhos especiais. Os representantes da nova orientação pensam ser “estrelas” brilhantes na igreja e quiçá tenham aplicado particularmente a si mesmos a profecia de Dn 12.3, de que “aqueles que ensinam brilharão como as estrelas sempre e eternamente”. Contudo levam ao descaminho, como estrelas que deixaram a trajetória ordenada por Deus. E enquanto pensam brilhar de forma especial e difundir luz, “**a escuridão das trevas**” é “**eternamente**” o lugar de seu fim.

**14s** Mais uma vez Judas passa a falar do livro de Enoque, que o impressionara profundamente. O que se lia ali referente ao futuro, ele agora vê cumprido na atualidade. Era importante para ele que já Enoque, como **o sétimo desde Adão**, havia prenunciado o juízo. Ou seja, estava estabelecido desde o início, por isso sua concretização é muito mais infalível. **Entretanto profetizou também para esses o sétimo desde Adão, Enoque, dizendo: Eis que vem o Senhor com suas miríades, para exercer juízo sobre todos os ímpios por causa de todas as obras de sua impiedade que praticaram impiamente**. O Senhor que retorna como Juiz universal não vem sozinho. Acompanham-no as “santas miríades”, poderosos exércitos de anjos. O juízo não acontece às escondidas e em silêncio, mas de forma totalmente pública. Incontáveis seres brilhantes são testemunhas da culpa e da vergonha daqueles que agora se portam tão grandiosa e arrogantemente diante dos singelos membros da igreja. Que impressão terrível isso será para todos os que têm de comparecer diante desse juiz! Judas acumula nesta frase a palavra *asebés* = “ímpio”. Pessoas são julgadas – os não-devotos – não por causa de equívocos intelectuais em si, mas **por causa de todas as obras de sua impiedade que praticaram impiamente**. Obviamente nosso pensar constitui a fonte de nossos atos, assim como inversamente nossa atitude prática na vida também deturpa nosso pensamento. Contudo no juízo de Deus estão em questão as obras, as concretizações, impossíveis de serem negadas ou declaradas inofensivas, de sua “impiedade” e pecaminosidade, pelas quais os atos se deixam determinar. Isso é particularmente grave para aqueles que viviam na igreja de Jesus, conheciam a graça de Deus e apesar disso não se deixaram salvar e transformar por ela, mas “pervertem a graça de nosso Deus em libertinagem” (v. 4).

Contudo, das obras também fazem parte as **palavras**, assim como o próprio Jesus atribuía a cada palavra proferida pelas pessoas uma importância decisiva para o juízo: Mt 12.36s; Lc 19.22. Conseqüentemente, também Judas acrescenta: os “ímpios” são julgados **por causa de todas as** (palavras) **duras que proferiram contra ele como ímpios pecadores**. A dimensão disso não precisa ser elucidada, porque os destinatários da carta já a conhecem. É bem possível que grupos gnósticos tenham contraposto à cristologia apostólica algumas declarações sobre Jesus que foram percebidas como ridículas. Para eles Jesus era um dado irrelevante, com o qual o verdadeiro Cristo-Espírito se havia ligado apenas transitariamente. Ou então já existia entre os novos mestres aquela opinião que mais tarde se desenvolveu de forma mais ampla, p. ex., pelo gnóstico Marcião. Segundo ela o Deus do AT é o “fazedor” deste mundo terrível e sofrido, a ser completamente rejeitado por todos que reconheceram o verdadeiro Deus do amor em Cristo. Nesse caso pode ser que “palavras duras” tenham sido levantadas contra aquele que para a proclamação apostólica era “santo”, Criador do mundo e Deus de Israel, o mesmo conhecido também como o Pai de Jesus Cristo. Por isso para os inovadores os mandamentos que o severo “demiurgo” ou “fazedor dos mundos”, como designavam pejorativamente a Javé, o Deus de Israel, havia imposto aos humanos como tortura e opressão não valiam nada.

**16** A frase seguinte ainda pode fazer referência a essa nova orientação frente ao Deus do AT, inclusive se estiver revelando simultaneamente uma nova faceta da natureza das pessoas que põem a igreja em risco. **Esses são murmuradores, zangando-se com sua sorte, andando segundo suas paixões**. Se este mundo com seus sofrimentos e angústias era feitura de um infausto “demiurgo”, justificava-se plenamente a “murmuração” contra o estado atual da vida. Era lícito **zangar-se** descontroladamente **com sua sorte** e voltar-se indignado contra o construtor deste pior dos mundos. Ao que parece, os novos mestres e seus adeptos faziam isso de sobra. Afinal, era algo que o coração do ser humano natural assimilava facilmente. Mas que perigo havia nisso para a igreja! A “murmuração” e “zanga com Deus” foi a forma peculiar com que Israel pecou na travessia do deserto após sua milagrosa libertação pela vigorosa e misericordiosa mão de Deus (Êx 16.1-8; Nm 14.26-30; 20.13,24). Aqui se mostram incredulidade e ingratidão! Será que a igreja da nova aliança, que experimentou o amor

redentor de Deus de forma ainda muito melhor, cairá no mesmo pecado? Judas vê nitidamente o que fundamenta “murmuração” e “zanga”. É algo que vem do coração daqueles que **andam segundo suas paixões**. A configuração deste mundo, com suas carências, apertos e durezas, coloca limites intransponíveis para nossas **paixões**. Mas elas são atrapalhadas, acima de tudo pelos mandamentos de Deus. O ser humano está impedido de vivenciar desinibidamente seus desejos, razão pela qual se zanga com sua sorte e xinga a Deus, que seria culpado dessa má sorte. Nesse caso o amor de Deus na entrega do próprio Filho por pessoas perdidas foi completamente esquecido ou desprezado.

**Sua boca profere arrogâncias.** Novamente surge uma repercussão do livro de Enoque, que diz no cap. 5: “E vós injuriastes sua majestade através de palavras teimosas e arrogantes vindas de vossos lábios impuros.” Nos inovadores de fato e com certeza se podia constatar a rejeição proposital daquela atitude que encontramos em todas as personagens bíblicas e que Pedro sintetiza na palavra: “Humilhai-vos, pois, sob a poderosa mão de Deus” (1Pe 5.6). Abaixo essa miserável “humildade” – esse era o novo lema, semelhante ao que também Paulo encontrara em certos grupos de Corinto. A isso se acrescenta a desenvoltura verbal e a esplêndida riqueza de idéias, contra o que a proclamação apostólica podia parecer estreita e precária. Mesmo Paulo teve de ouvir em Corinto que sua apresentação pessoal era fraca e seus discursos não tinham peso (2Co 10.10). Sim, em comparação aos grandes “detentores do Espírito” ele parecia “carnal” a muitos (2Co 10.2). Judas não se deixa confundir e também exorta a igreja a não se deixar impressionar falsamente, mas a reconhecer com nitidez: **Sua boca profere arrogâncias.**

Mais um aspecto parece ser característico: **admiram pessoas por causa da vantagem**. Na instrução apostólica isso havia sido excluído expressamente (Tg 2.1-4), porque perante Deus “não existe acepção da pessoa” (Rm 2.11). Mas é evidente, quem “anda segundo suas paixões” e visa “vantagem” pessoal, cuidará de obter contato com pessoas influentes e abastadas, mostrará a elas sua correspondente “admiração” e as bajulará. Todo o pensamento e vida “gnósticos” representavam uma forma de cristianismo que era acolhida com aplauso nos segmentos superiores da população. Raciocínios espirituais interessantes, sem compromisso, e por isso com a simultânea “liberdade” para vivenciar as pulsões naturais, era ideal para pessoas que além de seu nível de vida material também demonstravam certos interesses intelectuais e religiosos. Gostam que os representantes na nova tendência os admirem neste ponto e, em troca, destinam-lhes diversas **vantagens**.

Entretanto, talvez a frase também aponte para a “admiração” e o “reconhecimento” que – como é costume em grupos sectários e fanáticos – são dedicados a personalidades líderes isoladas. Ressoam “nomes”, e pessoas são celebradas. É vantajoso participar disso e alistar-se no grupo de adeptos dessas celebridades. Mas isso constitui exatamente o oposto do que Jesus deu à sua igreja como regra essencial: Mt 20.25-27; Jo 13.1-7; Mt 23.8-12.

### CONSELHO E INSTRUÇÃO PARA A IGREJA – JD 17-23

- 17 – **Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo,**
- 18 – **os quais vos diziam: No último tempo, haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões.**
- 19 – **São estes os que promovem divisões (ou: que se separam), sensuais (psíquicos), que não têm o Espírito.**
- 20 – **Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo,**
- 21 – **guardai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna.**
- 22 – **E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida,**
- 23 – **salvai-os, arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne (ou: E convencei alguns que brigam – que brigam consigo mesmos, os que duvidam. Aos demais salvai, arrancando-os do fogo. Dos terceiros compadecei-vos com temor, odiando até mesmo a veste contaminada pela carne).**

Pela reiteração “esses” nos v. 8-16 Judas caracterizara os perturbadores da igreja com uma descrição rica em ilustrações, mas sem citar nomes. Exclamou seus “ais” sobre eles e anunciou o juízo certo de Deus sobre eles. Porém, o que a igreja deve fazer? Como deve se portar? Em que

consiste sua tarefa? É dessas questões que a carta passa a tratar com um **Vós, porém, amados**, depois de já ter resumido, no início, a tarefa da igreja como “luta em prol da fé” no sentido da tradição apostólica (v. 3).

- 17 Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.** A arma mais importante “na luta” é a “lembrança” consciente, como já vimos no v. 5. Nessa situação em que novas tendências penetraram na igreja, propagando um novo cristianismo, a igreja é ajudada não com coisas “novas”, mas com a recordação daquilo que os membros sabem “de uma vez por todas” (v. 5). Somente renovando o posicionamento em cima do antigo alicerce de fé ela será capaz de uma inequívoca rejeição. Nisso constitui seu sólido respaldo, **as palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.**
- 18** Isto acontece de maneira muito peculiar. Certamente podia significar um profundo susto e desânimo para os corações que a perturbação da vida eclesial viesse não de fora, mas de dentro da própria igreja. “Afinal, o cristianismo enaltecia a Jesus como libertador do mal, a fé como sua justiça, a igreja como lugar do Espírito Santo, sua comunhão como método pelo qual o ser humano era convertido do mal e santificado, e agora o mal aflorava em suas próprias fileiras com tamanha perniciosidade” (Schlatter, *Erläuterungen zum NT*, p. 78). Será que diante disso não era preciso ficar perplexo e cair na dúvida? Não! Porque tudo isso não acontece de forma inesperada, mas fora expressamente prenunciado na proclamação dos apóstolos: **No tempo do fim haverá escarnecedores que andam segundo suas próprias paixões da impiedade.** A revelação bíblica não entende o **tempo** como um ciclo contínuo de nascer e morrer, mas como um curso cronológico em direção de um alvo e “fim”. Desde a vinda de Jesus já nos encontramos no “tempo do fim”. Este contudo não é um tempo de vitórias para o cristianismo, mas conduz ao reino do anticristo. Por isso o mal, que sempre existiu na história da humanidade, se destaca de forma cada vez mais aberta. “Escárnios” sobre assuntos divinos já puderam ser ouvidos no passado. Agora, porém, os “escarnecedores” se levantam no seio da igreja de Deus. Nesse caso a expressão “escarnecedor” possui maior gravidade que a princípio concebemos hoje. Nas profecias do padecimento de Jesus e nos relatos da paixão destaca-se com seriedade o “ser escarnecido”. Representa a rejeição irônica daquilo que vem de Deus, com a disposição para também expressar essa rejeição de forma brutal. Nesse contexto se destaca mais uma vez o “andar segundo as próprias paixões”. A expressão “paixões da impiedade” pode se referir a desejos que têm como raiz toda a atitude “ímpia”. Mas igualmente pode dizer que aqui se dirigem a muitas coisas (plural!), o que é incompatível com a devoção autêntica. A “lembrança” de tudo isso propicia grande tranquilidade à igreja! Essas manifestações aterradoras, que ela mesma entendia como expressão de uma devoção especial e moderna, já haviam sido anunciadas pelos apóstolos. A partir dessa verdade, como pode ser sensata e clara sua atitude!
- 19** Personagens previamente já anunciadas apresentam-se agora na igreja: **Esses são os que causam separação** (ou: que se separam), **anímicos** (psíquicos) **que não têm o Espírito.** A breve frase reveste-se de relevância decisiva para entendermos corretamente os adversários. Ignoraríamos a gravidade da situação e a intensidade das controvérsias se simplesmente considerássemos os novos pregadores e seus adeptos como “pessoas sem Deus”, que vivem em grosseira imoralidade e não querem saber absolutamente nada da doutrina cristã. A igreja certamente teria sabido lidar com tais pessoas, porque dificilmente teriam exercido uma influência sedutora. Não, no novo movimento se propagava um cristianismo “superior”, “livre”, perante o qual pensamento e vida apostólicos forçosamente pareciam antiquados, retrógrados, estreitos e precários. Isso se expressava em determinadas palavras de ordem. O novo movimento chamava-se gnosticismo = conhecimento. Os cristãos de todos os tipos não passavam de “písticos”, porque tinham apenas *pistis* = fé. Os novos mestres, porém, traziam “conhecimento”, sistemas de visão religiosa do mundo, nos quais tudo parecia “explicado”, todo enigma solucionado, e tudo imerso em uma radiante luz. Como tudo isso era interessante! Diante disso, o que representava a proclamação que somente remetia à “fé” e não se desprendia do tema “perdição e redenção”?

Ainda **se causava uma separação** de outra maneira. Distinguiam-se três classes de pessoas. A maioria é “hílica”, ou seja, aqueles que se dissolvem totalmente na *hyle* = “matéria”, serão tomados pela perdição. Depois havia um nível superior: os “psíquicos”, que não se deixam determinar pela matéria, mas pela *psyché* = “alma”. Por isso já apresentam certa forma de “cristianismo”, embora alcancem apenas estágios inferiores da bem-aventurança. Fazem parte deste nível os cristãos de todos

os tipos, os “píستicos”, e são simultaneamente “psíquicos”. Muito acima deles estão aqueles da terceira e principal categoria: os “pneumáticos”, as pessoas repletas do *pneuma* = “Espírito”. Os novos mestres e os que aderiam a eles se orgulhavam pelo fato de supostamente viverem sob o verdadeiro Cristo a partir do Espírito. Sentiam-se livres de toda a moral estreita, livres da “lei do Deus dos judeus”, assim chamados filhos livres do Pai, que podiam ceder às pulsões da vida transitória sem que isso os atingisse nas alturas de sua vida espiritual. Porventura não seria sedutor deixar-se chamar para uma vida assim? Não era esse o cristianismo de que o mundo moderno precisava?

Na seqüência Judas comete uma grande ousadia: inverte totalmente esse universo de concepções! Precisamente os adeptos do novo cristianismo são na verdade **anímicos** (psíquicos) **que não têm o Espírito!** Isso se evidencia na **separação** que **causam** entre as pessoas. Para eles Zaqueu e a grande pecadora teriam sido “hílicos”, com os quais não valia a pena se preocupar. Ao menosprezar os singelos “crentes”, introduziam uma ruptura na igreja, ignorando assim a obra mais importante do Espírito Santo, que consiste em despertar e aprofundar a fé e em reunir a igreja dos fiéis em amável unidade e concórdia. Que contradição com o Espírito de Deus que os “pneumáticos” se coloquem com tamanha arrogância acima dos demais, enquanto o fruto do Espírito na verdade é amor e humildade! Soberbos “detentores do Espírito”, que ao mesmo tempo reclamam para si uma liberdade desregrada, evidenciam-se assim como “psíquicos”, como pessoas que são determinadas somente pelas pulsões psíquicas naturais de influência e prazer, por mais que o prazer consista de uma plenitude de pensamentos e sentimentos religiosos. Sim, são psíquicos e “religiosos”, contudo carecem do Espírito!

**20s** Novamente Judas se dirige à igreja, mostrando-lhe agora, de forma positiva, o caminho que ela deve seguir apesar de sua consternação. **Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna.** Isso representa um contraste claro contra tudo o que os adeptos da nova tendência dizem e praticam em sua vida. A igreja não deve “separar” e dilacerar, mas **edificar**. A metáfora muito usual no NT, da “construção”, é tudo, menos “edificante”, mas tem um sentido ainda bem original e singelo da palavra. A edificação da igreja deve avançar pelo encaixe de uma “pedra viva” na outra. O alicerce, porém, sobre o qual se constrói, o único sobre o qual se pode edificar, é a “fé” menosprezada pelos “modernos”. O fato de Judas defini-la aqui como **vossa fé santíssima** não é um sinal de tradicionalismo e “ortodoxia”, embora o conteúdo objetivo da fé esteja em primeiro plano. O que os novos mestres desprezam e consideram no máximo um “estágio inferior”, precisamente isso constitui o verdadeiro fundamento, dádiva de Deus por intermédio de sua revelação e, portanto, **santíssimo**, intocável. A igreja deve defender esse fundamento e basear-se nele com toda alegria e convicção.

Ao mesmo tempo a metáfora do “edificar” aponta para o fato de que o contraste com o novo movimento não significa estagnação nem mero “repouso” sobre “a fé de uma vez por todas entregue aos santos” (v. 3). “Edificar” não é repouso e contemplação, mas constante progresso no empenho e no trabalho. “A igreja não é local de visitas, mas de obras.”

Em que, porém, consiste seu serviço essencial nessa “construção”? Na circunstância de que os membros da igreja estejam **orando no Espírito Santo**, cuja atuação não se mostra em coisas excêntricas nem em acontecimentos chamativos. Por meio de Zacarias Deus havia prometido: “Derramarei o Espírito da graça e da oração” (Zc 12.10). Orar pode parecer insignificante e não obstante é a ação mais importante e sublime que um ser humano pode realizar na face desta terra. Porém é unicamente no **Espírito Santo** que se pode orar verdadeiramente. Igrejas, casas, organizações e também cristãos individualmente, nos quais a oração ocupa o centro da vida, mostram com isso que estão “cheios do Espírito”.

**21 Guardai-vos no amor de Deus.** No v. 1 Judas interpelou os membros da igreja como “amados de Deus Pai”. A nova tendência, por sua vez, exaltava o “conhecimento”, referindo-se a uma série de novos e audaciosos raciocínios sobre Deus e o mundo. Judas encoraja os membros da igreja a considerar a magnitude muito diversa do que possuem. Experimentaram **o amor de Deus**, assim como ele se revelou de forma extraordinária no sacrifício do Filho de Deus por pessoas perdidas. Essa experiência é infinitamente mais que toda a “gnose”. É isso que a igreja precisa preservar, não devendo deixar-se confundir pela soberba exaltação dos novos mestres. Como a vida e a conduta seriam diferentes se eles fossem vencidos pelo amor de Deus, a ponto de poderem também amar! O

**amor de Deus**, porém, não é um “conhecimento” que simplesmente pudesse ser possuído como outros conhecimentos e idéias. Ele é uma torrente de vida do coração de Deus, na qual temos de “preservar-nos a nós mesmos”. Quem se entrega a especulações sobre Deus distancia-se dessa torrente de vida. A construção da frase no grego, com os três gerúndios “edificando, orando, esperando”, aponta para a circunstância de que **guardar-se no amor de Deus**, para o que Judas convoca a igreja, acontece precisamente nessas três atividades. Judas evidencia assim que ele pensa de forma “evangélica” e não “legalista”. O **amor de Deus**, propiciado da parte de Deus, é o que decide. Permanecer nele - é disso que tudo depende. Contudo perseveramos nele quando construirmos nossa vida sobre o alicerce sagrado da fé, quando orarmos no Espírito Santo e quando aguardarmos com esperança genuína a parusia do Senhor.

Ao mesmo tempo Judas sabe que a vida cristã agora é apenas um “começo”, “algo parcial”, como diz Paulo em 1Co 13. Por isso a esperança viva pela parusia faz parte da tarefa da igreja. Também isso contraria a nova tendência, que facilmente se esvaía na exaltação de alturas alcançadas.

**Esperando pela misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.** Já no v. 2 a **misericórdia** era a primeira coisa que Judas assegurara aos ouvintes da carta. Agora a **misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo** é citada como aquilo pelo que a igreja “espera”. Mas exatamente essa é a atitude de todo o NT. Tudo já está presente nos alicerces, e não obstante ainda está à nossa frente. Conseguimos realmente “esperar” ardentemente pela “misericórdia” porque já a “degustamos”. Entretanto a formulação dessa frase é muito notória também por um segundo aspecto. Judas falou muito dos juízos de Deus. Será que agora ele não deveria exortar também: “Aguardai com temor e tremor o Juiz universal”? Não, a igreja, que se encontra em meio a tanta aflição e tribulação e que precisa lutar em prol da fé, pode aguardar seu Senhor com alegre esperança. Sua “misericórdia”, demonstrada na cruz e comprovada pela redenção experimentada pelos crentes, consumará sua obra com a nova vinda de Jesus e conduzirá **à vida eterna** os que esperam por ele. Por ora ainda fazem parte da vida da igreja incompletude, imperfeição, muita aflição e luta. Porém justamente por isso ela é um grupo que espera com toda a seriedade e que aspira pela graça de seu Senhor, que a tudo consumará.

22s Será, no entanto, que Judas não tem nada a dizer à igreja sobre seu comportamento diante dos adeptos da nova tendência, que ainda convivem com suas fileiras, até mesmo participam de seus ágapes e de forma alguma pensam em “desligar-se” da igreja? Uma palavra a esse respeito era indispensável, sendo, pois, acrescentada nos v. 22s. O entendimento correto desses versículos é dificultado por variações na tradução dos manuscritos. À base da edição grega de Nestle pode-se delimitar seu conteúdo em dois segmentos. Contudo, também é possível que Judas tenha distinguido três grupos de inovadores, recomendando, consistentemente, três tipos de atitudes à igreja.

**De alguns que estão em conflito consigo mesmos, compadecei-vos.** Nessa acepção da frase a idéia seria de que há membros da igreja em conflito íntimo, ainda indecisos sobre a quem devem seguir. Para eles deve valer a compaixão da igreja. Não devemos interpretar de forma equivocada as duras frases, ásperas expressões e ameaças de juízo por parte de Judas. Justamente por ser tão grave o juízo de Deus, a misericórdia também pode ser tão grande em pessoas que vivem de forma exclusiva pela compaixão redentora de Deus. Essa compaixão obviamente não consiste em “desprezar a importância”, mas somente na salvação decidida e interveniente: **“Salvai-os, arrebatando-os do fogo!”** Pode ser que Judas tenha lembrado o “fogo” do juízo divino. Mas também pode ser uma metáfora genérica da “salvação” necessária, urgente e não isenta de riscos, como quando se arranca alguém de uma casa em chamas.

Todavia, não há certeza de que o termo grego *diakrinomai* aqui deva significar: **estar em conflito consigo mesmo**, ou seja, duvidar ou estar indeciso. Também pode simplesmente ter o sentido de **brigar**. Então se trataria de adeptos da nova tendência que ainda se encontram discutindo com membros da igreja. Em lugar de “compadecei-vos” preferiríamos neste caso a variante, igualmente bem documentada, **argüi-os**. Então o primeiro destes três grupos ficaria conhecido por meio dessa breve frase, e a igreja estaria sendo encorajada a tentar, a partir de seu claro alicerce de fé, com vistas ao amor redentor de Deus, a “argüição” dos errantes e discutidores. A exortação de “argüir” também caberia no caso de que tenhamos de imaginar esse primeiro grupo como os indecisos, em conflito consigo mesmos.

O v. 23 iniciaria um segundo grupo se acompanhássemos a subdivisão em três segmentos: **Aos outros salvai, arrebatando-os do fogo.** Nesse caso, nada muito específico estaria sendo dito sobre

sua condição interior, mas mostraria com muito mais impacto à igreja que ela não deve entender mal as considerações nem se recolher para a mera condenação e rejeição. Também entre aqueles que se abriram para o novo movimento ainda existem os que podem ser salvos. Isso evidentemente não acontecerá por meas medidas. Requer um amor que tenha coragem de, ele próprio com os pés firmados em base sólida, estender a mão e arrebatá-los da torrente.

Seja como for, a seção final do v. 23 trata de um grupo à parte que, dependendo da versão e subdivisão, deve ser designado por “os outros” ou “os terceiros”. **Dos outros**, respectivamente dos terceiros, **compadecei-vos com temor, odiando até mesmo a veste conspurcada pela carne**. Judas não disse que forma tomaria a “compaixão”, o que ainda poderia “fazer”. Seria apenas a dor íntima em vista de tais membros da igreja? Será que ele tem em mente uma derradeira esperança na intercessão, porque Deus, afinal, ainda poderia realizar um milagre da graça neles? Ou terão razão os intérpretes que viram na expressão **odiando até mesmo a veste conspurcada de carne** a anulação total de qualquer comunhão, que já não tolera nem o “contato de tecidos”? Nesse caso Judas estaria assumindo uma posição diante dos falsos mestres, os principais endereçados com essa medida, análoga à de João em sua grave exortação em 2Jo 10: portadores de uma falsa doutrina não devem ser acolhidos na casa nem sequer saudados. Entretanto, João conseqüentemente já não faz referência alguma à “compaixão”. Por isso temos de permanecer, neste segmento, no entendimento recém-ensaiado, no qual se torna particularmente relevante a exortação de temer e odiar especificamente a “veste conspurcada”. A igreja deve ficar igualmente distante da simples “pena” humana e da frieza da justiça própria.

## DOXOLOGIA FINAL – JD 24S

**24 – Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória,**

**25 – ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, (cabem) glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!**

O termo “doxologia” significa o louvor que exalta a Deus. Os hinos de Israel, os salmos, estão repletos dele. Mas o judeu, de maneira geral, também tinha o hábito de inserir doxologias em seus discursos e diálogos. Em todas as experiências da vida seu olhar se elevava para Deus, a quem cabe em todas as circunstâncias o louvor de seu nome. Jó, p.ex., responde até mesmo às notícias de desgraças que o atingem com uma doxologia (Jó 1.21). E Paulo é estimulado no meio da descrição do pecado humano a honrar a Deus com uma exclamação de exaltação (Rm 1.25). Da mesma maneira a carta aos Romanos conclui com uma doxologia, cuja estrutura é notoriamente semelhante às palavras finais da carta de Judas.

**24** A doxologia reveste-se de singularidade em Judas pelo fato de destacar-se de modo surpreendente e marcante da dureza de seu escrito. Na presente carta, ao voltar os olhos para Deus, ela se torna uma palavra de auxílio e fortalecimento para a igreja, muito mais eficaz que um possível voto de bênção. A igreja passa por uma luta árdua. Sua tarefa lhe foi mostrada nos v. 20-23. Será capaz de cumprir essa tarefa? Alcançará vitória sobre o descaminho destrutivo? Não chegará pessoalmente a **tropeçar** na difícil caminhada? Olhando para si mesma e experimentando o poder de sedução do novo movimento, ela poderia ficar apreensiva. Contudo, não está sozinha! Pela fé pode contar firmemente com Deus. Quem é esse Deus, e o que ele é capaz de fazer pela igreja? Judas o declara à igreja com as mais vigorosas palavras: Ora, lembrai-vos de que **Deus é aquele que tem o poder de vos guardar de tropeços e vos colocar diante de sua glória irrepreensíveis com júbilo**. O próprio Jesus havia descrito tão seriamente os poderes de sedução do fim dos tempos como aqueles que “se fosse possível, também seduziriam os eleitos” (Mt 24.24). Nessa situação, mesmo a maior segurança própria estará abalada! Se a igreja teve de presenciar que alguns dentre seus fiéis sucumbiram à moderna tendência, que membro da igreja poderia, então, declarar: Comigo isso não pode acontecer? Porém o Deus vivo, que tem “o poder de salvar” (Rm 1.16), também possui o **poder de guardar**. Nessa questão existe uma certeza plena. Isso não exclui, antes inclui, toda a seriedade do engajamento pessoal. A exortação do v. 21, “guardai-vos no amor de Deus”, permanece válida,

mesmo quando é somente pela asserção “Deus quer e **tem o poder de vos guardar**” que ela recebe seu inabalável alicerce.

O olhar para o alto é simultaneamente um olhar para frente. Judas pensa em termos de história da salvação. Por mais sério que seja o dia de hoje com sua luta, rumamos para o grande dia, do qual já falava o v. 6. Naquele dia se manifestará a **glória** de Deus. O termo grego *doxa* preserva aqui algo de seu significado original, “esplendor de luz”. Naquele dia tudo estará nitidamente sob a luz penetrante da eternidade. Desaparecerá toda a aparência e todo esplendor falso que agora podem enfeitar pessoas. Para os perturbadores da igreja, que distorcem a graça de Deus e renegam nosso único Soberano e Senhor Jesus Cristo (v. 4), isso será o dia do juízo. Mas os membros da igreja que permanecerem fiéis experimentarão a maravilha que é ver a graça de Deus os colocar **diante de sua glória irrepreensíveis com júbilo**. Logo, não escaparão apenas por pouco. Não, Judas conclui a frase do poder preservador de Deus com uma forte ênfase na palavra **júbilo**, regozijo, gritos de alegria. Quando a igreja tem o privilégio de ver isso diante de si, o que ainda podem significar as aflições da atualidade? Que diferença faria se ela for escarnecida como “atrasada”, “obtusa” e “precária”?

25 Por que Deus possui o **poder** de nos guardar e conseqüentemente nos levar ao alvo cheios de júbilo? Judas acumula as asserções para nos mostrar toda a magnitude de Deus. **Ao único Deus, nosso Redentor mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, (cabem) glória, majestade, força e poder antes de todos os éons, agora e até todos os éons. Amém.** Ele é o **único Deus**, aquele a quem compete única e exclusivamente a adoração. Esse “o Senhor unicamente” já ressoava naquela confissão básica de Israel em Dt 6.4; no “Ouve, Israel ...” que todo israelita orava diariamente. Essa confissão dirigia-se contra o sem-número de deuses que eram adorados pelas nações em torno de Israel: são apenas “ídolos” e “nadas”. Em contraposição, o testemunho de Israel era: “O Senhor é nosso Deus, Javé unicamente.” Esse Deus de Israel desprezado e insultado por muitos gnósticos é o único Deus verdadeiro e o Pai de Jesus Cristo (Jo 17.3). Por essa razão Judas acrescenta frontalmente ao gnosticismo: **nosso Redentor, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor**. Para o gnosticismo não importava a “redenção”, muito menos uma redenção mediante o sangue do Filho de Deus. Não reconhecia a insondável profundidade da culpa e perdição humanas. Importava-lhe a “posse do Espírito” e o “conhecimento”. Diante desse esvaziamento da mensagem, porém, a igreja deve perseverar claramente no centro da mensagem apostólica, na “palavra da cruz”, testemunhando e exaltando a Deus como o **Redentor mediante Jesus Cristo**.

Neste ponto também se explicita algo historicamente relevante. Independentemente de como Judas tenha se posicionado perante a “lei” – e o “irmão de Tiago” deve ter pensado e vivido em fidelidade à lei – ele captou e preservou o cerne do evangelho, até mesmo como “cristão judeu”. O Deus único e unicamente verdadeiro não é para ele primordial e essencialmente doador da lei, mas **nosso Redentor mediante Jesus Cristo**. Ele é *apesar de*, e não *porque* julga sem acepção da pessoa com juízos tão assustadoramente severos, como Judas lembrou na carta à atribulada igreja. Em qualquer ocasião só podemos falar de Deus como concomitantemente Santo e Misericordioso, Juiz e Redentor. Se dissociarmos um aspecto do outro, teremos tão-somente um Deus de nossas próprias idéias e não mais o Deus real e vivo de sua revelação. Judas não anotou “contradições” na carta, mas testemunhou essa junção de “seriedade” e “bondade” de Deus, exatamente como fez Paulo, o apóstolo dos gentios, em Rm 11.22 (“Considerai, pois...”).

Na seqüência é enumerado o que (cabe) a Deus. A maneira incondicional com que isso “cabe” a esse Deus verdadeiro e único é expressa por Judas justamente pelo fato de não acrescentar termos como “pertence” ou “cabe”, ou seja, nenhum predicado, mas por ligá-lo diretamente à menção de Deus. De forma precisa ele diz: **a esse Deus glória, majestade, força e poder**. Seria estranho se nós humanos pretendêssemos constatar por nós mesmo que a Deus “cabe” ou “deve pertencer” glória... No grego, o termo para **glória** (*doxa*) não é derivado de “Senhor”, mas significa inicialmente, conforme já foi exposto, “esplendor de luz”. A palavra *megalosyne* = **majestade** ou “eminência” é usada no NT somente para Deus. Os termos **força** e **poder** não possuem no grego a mesma semelhança de significados como em nosso idioma: a palavra *kratos* designa inequivocamente a **força**, especialmente em sua aplicação ativa. O termo **poder** traduz a *exousia*, que enfatiza a “autoridade”, a “liberdade para fazer uso do poder”. Deus tem poder, ao qual pode aplicar livremente, sem que alguém tivesse o direito de interrogá-lo “O que, afinal, estás fazendo?”.



Tudo isso, porém, pertence a nosso Deus, **antes de todos os éons, agora e até todos os éons**. É característico para o pensamento israelita não focar fundamentalmente, como o grego, os “andares”: céu, terra, mundo dos mortos ou “imaneente” e “transcendente”. Em virtude da revelação recebida, Israel pensa de forma “histórica” e por isso em eras – éons. Entretanto nossa compreensão correta da Bíblia é dificultada pela freqüente tradução de **éon** para “mundo”. A existência do “mundo” (em grego *kosmos*) acontece mediante “éons” que sucedem um ao outro. O Deus eterno, no entanto, vive antes de todos os éons, possuindo a plenitude de tudo o que lhe cabe. Não existe uma “história de Deus”, mesmo que Deus participe da forma mais intensiva em todos os acontecimentos nos “éons”, tornando-se sem dúvida um “Deus da história”. Agora = hoje, por isso, quando pessoas o ignoram e insultam, quando sua igreja cai em aflições e confusões, isso não reduz em nada seu esplendor de luz e majestade, sua força e liberdade. Que consolo e arrimo firme isso significa para a igreja atribulada!

Diante dele descortina-se um futuro eterno. O NT não fala de uma “eternidade” abstrata, mas de novos **éons**. “Até os éons dos éons” ou, como consta neste versículo, **até todos os éons** – essa é a expressão bíblica, realista, vital, para “eternidade”. Não há ilustrações suficientes para falar acerca da riqueza de conteúdos desses éons vindouros. Eles “transcendem qualquer capacidade de imaginação terrena”. Conforme diz um conhecido hino, trata-se somente de “tempo sem tempo” e, em consonância, de “espaço” sem espaço, como agora o conhecemos. Muito mais importante é para nós saber que “o único Deus” permanece o mesmo em sua essência por todos os éons, assim como agora o conhecemos como “nosso Redentor mediante Jesus Cristo”. Com certeza Judas diria como o apóstolo Paulo em vista dos “éons” à nossa frente: “Para assinalar nos éons vindouros a transbordante riqueza de sua graça através de sua bondade para conosco em Cristo Jesus” (Ef 2.7).

Judas conclui a doxologia e, através dela, também toda a carta com o **Amém**, em grego *amén*. Trata-se de um termo hebraico derivado da raiz *aman* = estar firme. Confirma uma declaração como “estando firme” ou uma prece como “certamente” atendida. O que Judas afirmou no louvor de sua doxologia é portentoso e transcende toda a nossa imaginação. Mas está firme, é válido. Como última palavra esse **Amém** é ao mesmo tempo a confirmação de todo o seu conteúdo. Que os destinatários da carta, depois de lida na assembléia eclesial, acompanhem esse Amém, apropriando-se assim de tudo o que Judas precisou escrever-lhes com “necessidade” (v. 3) por incumbência do Senhor!

1

---

<sup>1</sup>Boor, W. d. (2008; 2008). *Comentário Esperança, Carta de Judas; Comentário Esperança, Judas* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.